Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Zonas de Invisibilidade: Desafios e Práticas na Pesquisa em Circulação[1]

Invisibility Zones: Challenges and Practices on Circulation Research

Eduardo Ruedell
Viviane Borelli

Palavras-chave: Midiatização; Hipermidiatização; Evolução das Mídias; Zonas de Invisibilidade de Circulação; Circulação de Sentidos.

Em 17 de setembro de 2024, milhares de pagers explodiram simultaneamente no Líbano, seguidos por walkie-talkies no dia seguinte, resultando em mais de 3500 feridos e 37 mortos. Os equipamentos pertenciam ao Hezbollah, e o ataque foi reivindicado pelo serviço de inteligência israelense (Mossad), que havia se infiltrado na cadeia de suprimento do grupo por meio de empresas de fachada, adulterando cerca de 5 mil pagers e 16 mil walkie-talkies ao longo de mais de uma década.

O evento chamou a atenção da mídia noticiosa principalmente por se tratar de um ataque a uma rede de comunicação privada em uma região marcada por conflitos, e por envolver uma rede desconhecida do público baseada em aparatos técnicos tidos como obsoletos. Mas esse quadro também representa um desafio empírico para as pesquisas em comunicação, primeiro pelo uso deliberado de mídias não digitais em um contexto de

[1]Este trabalho é fruto de pesquisa realizada com apoio da CAPES.

digitalização generalizada, e segundo pela existência de uma rede comunicacional deliberadamente invisível.

A permanência de objetos como pagers na contemporaneidade pode parecer uma excentricidade pontual, mas não se trata de um caso isolado. Redes clandestinas, baseadas na opacidade de dispositivos midiáticos e aparatos técnicos não são difíceis de elencar: redes de intranet, sistemas de vigilância não conectados digitalmente, redes internas de TV, radioamadorismo, cartas, etc, podem ser utilizados de forma estratégica ou tática por instituições, grupos armados, partidos políticos, movimentos, e organizações privadas como empresas.

Essas possibilidades não são uma novidade para a perspectiva da hipermidiatização (Carlón, 2020), que é fundamentada pela coexistência de diferentes mídias e na circulação hipermidiática. Mas quando a comunicação é opaca, estudar a circulação a partir da hipermidiatização pode parecer levar a caminhos ainda desconhecidos. Primeiro porque é preciso explicar como essas mídias sobreviveram, e lidar com a possibilidade de não ser possível identificar os atores que as operam. Segundo, a própria opacidade das ações comunicacionais de casos semelhantes pode ser uma contradição ao aumento de visibilidade dos sentidos em circulação na contemporaneidade (Carlón, 2022*a*). E por fim, há problemas de método ainda a serem enfrentados. Por exemplo, o dispositivo analítico criado por Carlón (2018, 2020, 2022*b*) não foi pensado para lidar com casos semelhantes, já que seu foco está na circulação discursiva a partir de processualidades que envolvem três agrupamentos, os meios massivos, os meios individuais, e Underground.

O que propomos, então, é revisitar o conceito de hipermidiatização, explorando possibilidades teóricas que ajudem a entender como dispositivos como os pagers sobrevivem em sociedades marcadas pela digitalização da comunicação. Ainda, a intenção é propor algumas sugestões metodológicas para pesquisas que venham a lidar com casos semelhantes. Vale ainda ressaltar que este texto sintetiza e expande ideias

previamente desenvolvidas (Autor, ANO). O tema, ainda, integra problematização que é objeto de estudo de doutoramento.

1. Teórico

A noção de hipermidiatização (Carlón, 2020) bebe da obra de Eliseo Verón (2014), para quem a midiatização é um processo social de longa duração baseado na capacidade humana de semiose. Diferente de outras abordagens, Verón privilegia os processos de sentido que moldam a realidade social, e, portanto, a midiatização não se restringe às mídias digitais contemporâneas, mas abrange toda a história da capacidade humana de significação.

Carlón (2020) propõe a hipermidiatização como um estágio de complexificação desse processo, marcado pela coexistência de três agrupamentos midiáticos: (1) meios massivos (TV, rádio, jornais), MMS; (2) meios individuais (redes sociais, blogs, plataformas públicas), IMS; e o (3) Underground (aplicativos como WhatsApp e Telegram, por exemplo). A circulação de sentidos, hipermidiática nessas condições, não segue mais uma única direção descendente (das instituições para os públicos), mas se dá por meio de "saltos" entre essas diferentes mídias, o que torna os fluxos mais complexos, imprevisíveis e sujeitos a transformações constantes nos enunciadores e nos próprios sentidos.

A passagem da modernidade/pós-modernidade para a contemporaneidade é marcada por uma mudança profunda na semiose: de uma perspectiva antropocêntrica (sociossemiótica) para uma perspectiva não antropocêntrica (semioantropológica) (Carlón, 2024). Nesse novo quadro, a circulação de sentidos não é mais apenas descendente (das instituições para os públicos), mas também ascendente e horizontal, algo que redes opacas como a dos pagers complexificam ainda mais.

A fim de analisar a circulação hipermidiática, Carlón (2018, 2020) desenvolveu um dispositivo analítico com suporte visual para mapear fluxos de sentidos temporalmente, e localizar espacialmente os atores envolvidos no processo comunicacional. Contudo, o dispositivo de Mario Carlón se baseia em uma maior visibilidade da circulação, onde os fluxos, atores, e mesmo os sentidos podem ser apreendidos com mais facilidade. Porém, algumas mídias, como os pagers operados pelo Hezbollah, operam a partir de pontos cegos, ou, em zonas de invisibilidade, dificilmente acessíveis para o público e para pesquisadores.

Essa inacessibilidade pode ser explicada e ao mesmo tempo explicar uma tendência nos estudos em midiatização de focar em objetos digitais. É explicada pela falta de pesquisas que tomem como objetos mídias entendidas como obsoletas, e, por isso mesmo, explica o pequeno número de contribuições teóricas baseadas em observações empíricas. Isso não significa que a pesquisa em midiatização deva se voltar inteiramente a essas mídias, mas parece haver lacunas em relação a elas como objetos possíveis em um mundo altamente digitalizado. Contudo, elas continuam passando por apropriações, afetando as sociedades humanas em diferentes esferas, e por isso merecem atenção.

Para Carlón (2024), a contemporaneidade exige uma abordagem macro-relacional que articule quatro eixos (semiose, midiatização, circulação e atores/enunciadores) em diferentes níveis (micro, médio e macro). No caso dos pagers, isso significa analisar como esses dispositivos são apropriados em uma rede que combina hierarquias institucionais, protocolos específicos e uma circulação de sentidos que escapa à visibilidade pública. Esses dispositivos oferecem características úteis para grupos que querem ou precisam se manter na clandestinidade: conectividade assíncrona, ausência de rastreamento de respostas, maior resistência a malware e monitoramento, além de operarem em frequências UHF/VHF menos suscetíveis a interceptação (Autor, ANO).

Estudar a circulação, nesse caso, envolve em primeiro lugar assumir sua opacidade como característica estruturante do processo comunicacional. Se não pudermos

ver tudo, é preciso considerar a importância dessa camada de invisibilidade. Não pretendemos apontar um novo agrupamento midiático, ou fazer com que um anterior seja "revivido" a cada análise, mas consideramos último o uso de uma estratégia epistemológica que por ora chamamos de zonas de invisibilidade de circulação (Autor, ANO).

Essas zonas são espaços discursivos de acesso restrito, caracterizados por hierarquias e protocolos particulares, onde as disputas de sentidos ocorrem de forma independente dos agrupamentos midiáticos convencionais, ainda que relacionados a eles. As zonas de invisibilidade atravessam o MMS, o IMS e o Underground, mas não são limitadas a eles, operando sob opacidade intencional ou não (Autor, ANO). Ainda assim, elas são caracterizadas pelas mesmas dimensões estruturais dos agrupamentos midiáticos (poder, regulamentações, acesso aos discursos, e construção social dos espaços públicos, íntimos e privados) (Carlón, 2020, 2022*b*), e que podem ser utilizadas como chave analítica para o estudo das zonas de invisibilidade de circulação.

A dimensão de *poder* se refere aos atores envolvidos nos processos de disputa de sentidos, e que no caso da rede de pagers do Hezbollah está relacionada a uma hierarquização da própria organização. A *regulamentação* indica os protocolos de produção discursiva, que nesse mesmo caso são mais restritos do que em outras mídias, tanto pelas características dos dispositivos utilizados, quanto pela natureza política do grupo, o que limita o *acesso* aos discursos nessa rede de pagers. Assim, há também uma transformação na *construção de espaços públicos* através dessas disputas de sentidos, que borram as fronteiras perceptíveis com os espaços *íntimos e privados* dos enunciadores (Autor, ANO).

Carlón (2024) lembra que, no contexto da hipermidiatização, a análise deve preservar a distinção entre produção, reconhecimento e circulação, o que é evidenciado pelo caso dos pagers. Nessas condições, a circulação não é um fluxo linear e contínuo, mas uma série de "saltos" entre diferentes agrupamentos midiáticos. Estudar zonas de

invisibilidade exige, portanto, mapear esses saltos lidando ainda com diferentes camadas de visibilidade e opacidade (Autor, ANO).

Mas o uso dessas dimensões como chave analítica, demanda decisões metodológicas que atendam às características dos objetos investigados. A partir da observação do caso da rede de pagers do Hezbollah, apontamos algumas sugestões de métodos e técnicas que podem ser empregadas em casos semelhantes na próxima seção.

2. Possibilidades metodológicas

As zonas de invisibilidade revelam um paradoxo. Embora a hipermidiatização explique a coexistência de mídias analógicas e digitais, a apropriação de pagers pelo Hezbollah é uma tentativa de *se distanciar* do ecossistema hipermidiatizado, marcado por conexão generalizada, convergência e rastreabilidade. Contudo, essa tentativa é frustrada pela sabotagem externa, pela cobertura jornalística e porque o próprio esforço de distanciamento ocorre dentro de um ambiente hipermidiatizado (Autor, ANO).

Essas características praticamente inviabilizam um estudo de circulação através de técnicas e métodos tradicionais, como através do dispositivo analítico de Carlón (2020), ou através de abordagens como a linha do tempo (Borelli; Romero; Gonçalez, 2020), seja pela dificuldade em apontar os atores envolvidos, seja pela impossibilidade de reconstruir a temporalidade da circulação com precisão e pela própria complexidade dos processos comunicacionais. Por outro lado, o que se pode fazer para tornar o estudo desse caso pela perspectiva da circulação viável, é analisar como essas mídias supostamente obsoletas conseguiram sobreviver, descrevendo suas novas apropriações e reconstruindo da melhor maneira possível os discursos cujos sentidos *puderam* ser apreendidos.

Para esta pesquisa, nos baseamos em uma espécie de “arqueologia dos rastros”, utilizando o que foi deixado para trás como indícios involuntários em discursos de

autoridades, matérias da mídia jornalística, e relatos em primeira mão divulgados por instituições e atores individuais envolvidos no caso (Autor, ANO). Mas existem pelo menos outras três possibilidades metodológicas que podem ser exploradas. A etnografia tradicional, com imersão prolongada e negociação constante de acesso (Saramifar, 2015; Becker, 2008), atenta aos riscos e à vulnerabilidade dos informantes. A etnografia institucional (Smith, 2005), que mapeia protocolos e fluxos de informação por meio de documentos, tomando a própria organização como informante. Por fim, a análise documental (Bowen, 2009), quando é possível obter relatórios produzidos internamente ou por atores externos, ou mesmo outros documentos que ajudem a compreender a estrutura da organização e sua arquitetura comunicacional.

Por fim, vale destacar que todas essas abordagens levantam questões éticas importantes, e que devem ser trabalhadas no processo de pesquisa. De acordo com o contexto social, cultural e político que ajudam a conformar uma zona de invisibilidade, o pesquisador precisará enfrentar situações de violência ou de risco físico e psicológico para si próprio e para seus interlocutores, o que pode demandar anonimização, omissão de detalhes rastreáveis, e a possibilidade de não conduzir a pesquisa quando os benefícios forem superados pelos riscos.

3. Alguns comentários

Os pagers não são meros resquícios tecnológicos, mas apropriações midiatizadas e clandestinas que sobrevivem em nichos específicos do ecossistema midiático (Hoplamazian et al., 2018). Sua existência tensiona as possibilidades analíticas tradicionais, demandando um olhar transdisciplinar que combine hipermidiatização, evolução das mídias (Scolari, 2023), e noções operacionais como as zonas de invisibilidade de circulação. O incidente dos pagers do Hezbollah é, assim, um laboratório empírico para repensar os limites e as potencialidades da teoria da midiatização no século XXI.

Como argumenta Carlón (2024), a semiótica do futuro precisará superar o paradigma antropocêntrico que dominou os estudos de mídia, reconhecendo que atores não humanos, como dispositivos técnicos, algoritmos, e, neste caso, redes clandestinas, participam ativamente da produção e circulação de sentidos.

Referências

AUTOR, ANO.

BECKER, H. S. **Outsiders:** Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOWEN, G. A. Document analysis as a qualitative research method. **Qualitative Research Journal**, n. 9, v. 2, p. 27-40. https://doi.org/10.3316/QRJ0902027

CARLÓN, M. **Circulación del sentido y construcción de colectivos en una sociedad hipermediatizada**. San Luís: NEU, 2020.

CARLÓN, M. ¿El fin de la invisibilidad de la circulación del sentido de la mediatización contemporánea? **Designis**, n. 37, p. 245-253, 2022a. DOI: http://dx.doi.org/10.35659/designis.i37p245-253

CARLÓN, M. A modo de glosario. **Designis**, [S.l.], n. 37, p. 255-262, 2022b. DOI: http://dx.doi.org/10.35659/designis.i37p255-262

CARLÓN, Mario. Semiótica, (hiper)midiatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro?. MATRIZes, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 3, p. 159–184, 2025. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i3p159-184.

HOPLAMAZIAN, G. J.; DIMMICK, J.; RAMIREZ, JR.; A., FEASTER, J. Capturing mobility: The time-space diary as a method for assessing media use niches. **Mobile Media & Communication**, v. 6, n. 1, 127-145, 2018. https://doi.org/10.1177/2050157917731484.

SARAMIFAR, Y. **Living with the AK-47:** militancy and militants in Hezbollah's resistance movement. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2015.

SCOLARI, C. A. **On the evolution of media:** understanding media change. Londres: Routledge, 2023.

SMITH, D. E. **Institutional ethnography:** a sociology for people. Lanham: AltaMira Press, 2005.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2014.